

**DA TRANSCENDÊNCIA A IMANÊNCIA:
COMO O FILHO DE DEUS SE REVELOU
SEGUNDO O EVANGELHO DE JOÃO**

ADEMIR BENEDITO JR.,

FÁBIO DA SILVA

DA TRANSCENDÊNCIA A IMANÊNCIA: COMO O FILHO DE DEUS SE REVELOU SEGUNDO O EVANGELHO DE JOÃO

Ademir Benedito dos Santos Junior¹

Fábio Cristiano Marques da Silva²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo uma análise bíblico teológica acerca da revelação de Jesus segundo o relato do evangelista João. Sendo a pesquisa como método empregado para a elaboração desta breve análise. Com argumentos robustos de fontes confiáveis e sólidas, o resultado desta pesquisa alcançou o seu objetivo, logo, podemos crer que, o evangelho segundo João traz fortes evidências acerca da filiação de Jesus de Nazaré.

Palavras-chave: Messias; Filho de Deus; Filho do homem; Logos.

ABSTRACT

This article aims to analyze the biblical theology concerning the revelation of Jesus, according to the writings of John. Library research was employed as the method for the elaboration of this brief analysis. With robust arguments and

1 Ademir Benedito dos Santos Junior é professor nos cursos de Graduação em Teologia e no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Evangélica de São Paulo. Doutorando em Educação é Mestre em Psicologia Educacional, Pós-graduado em Formação de Professores para o Ensino Superior, em Formação em Educação a Distância e em História, Sociedade e Cultura. Sua formação de nível superior inclui Bacharelado em Teologia e em História, e Licenciatura em Pedagogia, Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Empreendedorismo. E-mail: prof.ademirsantosjr@faculdefaespp.edu.br

2 Fábio Cristiano Marques Da Silva é graduando em Teologia (2021 - atualmente), estudante de Grego Bíblico pelo instituto Didaskalia (2023 - atualmente). Estudou idiomas bíblicos no Instituto Hebraico em Foco (2020). Concluiu os cursos médio e básico em Teologia pelo Instituto de Cristo Jesus (2010). É desejoso pelo conhecimento teológico, pois o conhecimento é a escada que leva para um conhecimento mais profundo e embasado acerca de Deus. E-mail: fabiocristiano@faculdefaespp.edu.br

reliable, solid research, the result of this study achieves its objective. Therefore, we can assert that the writing of John brings strong evidence concerning the filiation of Jesus of Nazareth.

Keywords: Messiah; Son of God; Son of Man; Logos.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a historicidade de Jesus foi atacada, diversas pessoas se debruçaram e gastaram muita tinta e papel na tentativa de negar que Jesus de fato tivesse existido Van Vorst (2022).

A primeira busca, ainda no século XVIII, no tempo do iluminismo, encabeçada por Hermannus Heimarus, focou em desmistificar os milagres executados por Jesus, tirando assim a sua sobrenaturalidade, e com isso classificar como feitos que são biologicamente impossíveis (Bock, Komoszweski, 2020).

Na segunda busca por este Jesus histórico, Ernst Kasemann, no ano de 1953, tentou vincular o Jesus histórico com Cristo de fé, na tentativa de classificar que a fé é firmada em um ser histórico e real.

A terceira busca foi encabeçada por N.T. Wright, foca no conceito judaico e sociopolítico do primeiro século depois de Cristo, seu objetivo era retornar Jesus ao seu contexto cultural, haja vista que, a tentativa de Kasemann, muitas vezes ficou evidenciado um Jesus fora de seu contexto cultural (Bock, Komoszweski, 2020).



Uma vez que a personagem Jesus é largamente confirmada como histórica, não cabem mais a ideia da não existência, o que nos cabe é localizar a sua filiação.

Mediante este cenário, o objetivo deste artigo é mostrar a revelação da pessoa de Jesus, desde seu estado em glória, como mistério oculto, até a sua encarnação como o Filho de Deus, em concordância com a teologia bíblica, assim como a problemática na aceitação de um homem de origem humilde, de uma cidade insignificante, como seu messias aguardado e esperado, haja visto que, outros candidatos aparentemente mais importantes, com feitos militares os quais, os colocavam no topo da lista para a função messiânica.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo da **teologia bíblica** tem recebido contribuições significativas de diferentes autores que, a partir de perspectivas variadas, buscam compreender a unidade e a progressão da revelação. Zuck (2009; 2016), apresenta uma análise panorâmica dos escritos neotestamentários, ressaltando a centralidade de Cristo e a progressividade da revelação. Merrill (2009), por sua vez, em *Teologia do Antigo Testamento*, evidencia a importância da aliança e da promessa como eixos estruturantes da história redentiva. De forma complementar, Kaiser (2011), em *O plano da promessa de Deus*, propõe uma abordagem que conecta Antigo e Novo Testamentos, destacando a continuidade da promessa divina como fio condutor da Escritura.

Na tradição clássica, Von Rad (2006) e Jeremias (2008) se destacam ao apresentar leituras teológicas que influenciaram gerações: o primeiro pela ênfase na história da salvação e o segundo por uma sistematização da teologia do Novo Testamento a partir dos ensinamentos de Jesus e da comunidade primitiva. Marshall (2007) segue a mesma direção ao organizar os temas centrais do Novo Testamento com atenção ao contexto histórico e teológico dos escritos.

Outras contribuições importantes podem ser vistas em Alexander e Rosner (2009), no *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, que reúne múltiplas abordagens e categorias temáticas; em Gundry (1998), que apresenta um panorama histórico e literário do Novo Testamento; e em Richards (2008), que auxilia a compreensão do contexto histórico-cultural dos escritos apostólicos. Bruce (2010), por sua vez, reforça a confiabilidade histórica dos documentos neotestamentários, aspecto essencial para a fundamentação da teologia bíblica.

Ainda, Vos (2010) é considerado um dos pioneiros ao estabelecer a teologia bíblica como disciplina autônoma, propondo uma leitura que valoriza a progressão histórica da revelação. Zuck (1994), em *A interpretação bíblica*, contribui para a hermenêutica, oferecendo instrumentos para a correta compreensão do texto. Para Gunneweg (2005), A teologia bíblica contrapõe-se à teologia não bíblica ou até mesmo antibíblico.



1.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura é uma etapa essencial da pesquisa científica, pois situa o trabalho do pesquisador no contexto das produções já existentes e permite identificar lacunas a serem exploradas (APOLINÁRIO, 2011). Mais do que um levantamento de fontes, constitui uma análise crítica das obras, possibilitando a construção de um referencial teórico sólido e atualizado (KÖCHE, 2011; LAKATOS; MARCONI, 2003). Além de orientar a fundamentação teórica, a revisão também contribui para o planejamento metodológico, ajudando a delimitar o objeto de estudo e a escolher as melhores abordagens (PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2013).

146

Esse processo deve ser contínuo e realizado de forma crítica, com seleção criteriosa das fontes e abertura a diferentes perspectivas, ampliando a compreensão do pesquisador (DEMO, 1985). No campo da teologia, Osborne (2009) ressalta que obras voltadas ao Antigo e ao Novo Testamento, bem como estudos sobre usos e costumes do período bíblico, são ferramentas indispensáveis para a interpretação do texto, oferecendo tanto fundamentos históricos quanto apoio exegético.

1.2 CONCEITO DE TEOLOGIA BÍBLICA

De acordo com Alexander (2009), a Teologia Bíblica fundamenta-se em apresentar a Deus, assim como sua relação com o mundo por Ele criado, e para essa apresentação, deve-se usar o próprio texto bíblico. A Teologia Bíblica atua em concordância histórica e literária, conclui Alexander.

Osborne (2009) citando Gaffin (1976), afirma que, teologia bíblica não é fruto da hermenêutica, mas sim, sua tutora. Ao passo que a hermenêutica estabelece, o cenário cultural, a organização semântica e a mensagem filosófica, a teologia bíblica se preocupa com o desenvolvimento e a progressão da revelação de Deus no contexto histórico literário.

Ladd (2003) complementa ao mencionar que a teologia bíblica é uma disciplina descritiva, e que prioriza o contexto histórico, logo, sua tarefa é expor a teologia encontrada na própria bíblia em seu contexto histórico.

Outro autor que contribui para o entendimento da Teologia Bíblica foi MERRILL (2009).

2. NOMEAÇÕES DE JESUS ENCONTRADAS NO EVANGELHO O QUAL ESCREVEU JOÃO.

Uma vez firmado a estaca do conceito de revelação progressiva, ao nos depararmos com a fala de João o Batismo a respeito de um homem que aparentemente era comum a todos os demais candidatos ao batismo, precisamos nos debruçar na fala de João o Batista, pois seu propósito era apenas um, batizar até que ele visse em quem o Espírito descesse, e nele pousasse, este era o Filho de Deus. E João declara exatamente isto: João 1:34 “Eu, de fato, vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus”.



2.1 O LOGOS

A estratégia do autor, João, consistia em iniciar a narrativa utilizando não apenas uma palavra, mas um conceito grego filosófico, e com este conceito, iniciar um novo diálogo o qual à primeira vista, os leitores de contexto grego eram levados no sentido oposto ao pretendido pelo evangelista.

De acordo com Zuck, na obra Teologia Bíblica do Novo Testamento, página 212, Heráclito, no século VI a.C., postulou que o Logos permeia o universo, sendo considerado a sua alma. Mais tarde, os filósofos estoicos desenvolveram essa ideia, enxergando o Logos como a força fundamental que rege e comanda toda a ordem do cosmos.

O termo Logos foi utilizado muitas vezes por Filo de Alexandria, já no século 1. Entretanto, nenhum dos pensadores acima, adotaram a percepção que o logos deveria ser adorado, muito menos que este logos fora personificado.

João por sua vez, personifica este logos na pessoa de Jesus, nisto, Harris destaca: que a encarnação de Jesus, permitiu ver, ouvir e até mesmo tocar o logos.

O início da personificação segundo João: Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος, καὶ ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν, “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. Até este ponto, membros da comunidade helênica poderiam concordar. Uma vez que, João crava a estaca que o Logos não só estava com Deus, mas que ele mesmo era Deus, João inicia a imanência do logos. E se no princípio do relato João parece que seguiria com o pensamento defendido pelos filósofos, aqui é quando ele inicia a sua ruptura com

o pensamento do logos como aquele que apenas está para além do material. Essa ruptura, ou, essa ressignificação fica clara com a personificação que vem do versículo 14: *Καὶ ὁ Λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν*, “e o logos, se tornou carne e viveu entre nós”.

Com este pensamento, João não está só ressignificando um conceito pré-estabelecido e conhecido pelos filósofos, mas combatendo também o docetismo, seita esta que, difundia a ideia de que Jesus tinha apenas aparência “*dokein*”, sendo assim, não possuía um corpo físico de carne. Pensamento este refutado de forma veemente por João no capítulo 1 versículo 14.

2.2 FILHO DO HOMEM

Ao nos depararmos com o texto de João 3:13 “Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do homem”. Essa afirmação não pode ser facultada ao apóstolo Paulo, quando este subiu ao terceiro céu e viu coisas inefáveis as quais não era lícito contar. Nem mesmo ao próprio João, que estando na ilha de Patmos teve uma experiência mística adentrando assim as moradas celestiais e tendo revelações profundas.

Na visão de Hendriksen (2004), Jesus é o único que pode falar com autoridade sobre as coisas do céu, porque só Ele veio de lá. Nenhum ser humano tem acesso por si mesmo ao conhecimento dos planos divinos. Quando Deus decidiu sobre a salvação da humanidade, havia alguém com Ele: o Filho do Homem, que desceu do céu.



2.3 FILHO DE DEUS

O conceito de “Filho de Deus” – em referência a Jesus -, expressão essa que não é encontrada apenas no Novo Testamento. De acordo com Fanning, a visão do escritor da carta aos Hebreus em relação a Cristo, é a de filho de Deus, continua Fanning, essa expressão aparece no Antigo Testamento. Em 2 Samuel 7:13 Deus se põe por pai, entretanto, não em relação a Jesus, mas sim à Salomão. Em Salmos 89:27-28, Deus usa a expressão “meu primogênito”, uma vez mais não se referindo a Jesus, mas sim a Davi. Submeter os textos acima a Jesus, não é possível na teologia bíblica.

150

Zuck (2009 - 2016) trata essa nomeação como uma das mais importantes de Jesus, pois, não está simplesmente atrelado ao fato de sua filiação, mas de sua função, pois, o que se espera é que o filho cumpra os propósitos de seu pai de forma fidedigna, e esse propósito, assim como essa fidelidade é claramente evidenciada na oração do Getsêmani. Na ocasião, Jesus declara a angústia de alma que está sofrendo, no entanto, ele tem um propósito a seguir, e vemos essa fidelidade em sua declaração: Seja feita a tua vontade.

3. REVELAÇÃO PROGRESSIVA ACERCA DA NATUREZA DE JESUS

Para W. Hall Harris (apud Zuck, 2009), a sequência dos 7 milagres revela Jesus de forma progressiva, sendo água em vinho (o início), até a ressurreição de Lázaro como sendo o ponto culminante, mostrando que Jesus tem poder sobre a morte.

Harris (apud Zuck, 2016) continua sua análise nos informando que o ponto culminante da revelação segundo o evangelho de João, é o capítulo 20:28, com a declaração de Tomé: Senhor meu e Deus meu.

O intuito de João ao escrever fica claro com o encerramento de sua obra: Estes foram escritos para vós creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, não querem, tenham a vida em seu nome. João 20.31.

João 1.1 declara: O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da palavra da vida.

Felipe ao anunciar para Natanael: havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei e de quem escreveram os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José, afirma a ligação de Jesus com as promessas do antigo testamento. Natanael, após conhecer Jesus pessoalmente, declara que Jesus é o filho de Deus e o Rei de Israel. Essa declaração acrescenta importância adicional ao testemunho de João Batista, pois, agora, duas testemunhas testificam que Jesus é o filho de Deus.

O Apocalipse mostra o Cristo exaltado, restaurado a glória a qual havia se esvaziado para o advento de sua encarnação. Essa glória, Jesus tinha com o pai antes que o mundo viesse a existir. João 17.5.

João 1.1 faz três afirmações a respeito da palavra (o logos é identificado como Jesus em 1.14). Na primeira, a palavra já existia antes da ordem criada existir. A segunda, a palavra têm um relacionamento pessoal e íntimo com Deus. A terceira, a palavra, em essência, são totalmente divina.



Os versículos iniciais de 1 João são claros em sua insistência sobre o que foi ouvido, visto e até mesmo tocado em relação à palavra da vida. Essa declaração precede a rejeição e condenação específicas dos que negam que Jesus é o Cristo, e que ele veio em carne (1 João 1:1–2).

3.1 O MESSIAS NÃO ESPERADO

Com o advento do novo testamento, alguns grupos entram no relato bíblico. Os fariseus que segundo Paulo em Atos 26.5, era a seita mais severa da época. Antes de serem conhecidos pelo nome de fariseus, eram conhecidos como macabeus. Muitos dos que simpatizavam com os asmoneus, viam em seu líder, João Hircano, uma combinação dos três ofícios: profeta, sacerdote e rei, e com esse pensamento, acreditavam ter chegado à figura do messias, um líder forte politicamente e militarmente, (Bruce, 2003).

Os fariseus consideravam-se como a continuação dos Asmoneus. Os Saduceus, de forma semelhante aos fariseus, foram chamados de seita. Este grupo advinha da aristocracia do templo, surgindo da classe sacerdotal da Zadoque, defendiam a expansão política, assim como os macabeus e a união estado x religião. Viam na figura do sacerdote aquele que deveria deter o governo. Já os essênios, era o grupo que vivia no deserto, não tinha vínculos com sacerdotes, culto no templo e vida política. Acreditavam que a forma de conduta dos asmoneus, levaria a ruína de Israel, e assim, a vinda do messias.

Entre as pessoas que estão inseridas no relato bíblico, uma ganha destaque Jesus de Nazaré. Pessoas importantes

entram em cena, mas este homem é totalmente diferente, pode-se dizer, excepcional, assim como pode-se pensar que ele era único, e de fato o era.

Seria este o messias esperado, ou este Jesus Ben Yosef seria apenas outro candidato ao título de Messias?

Seu nascimento contraria qualquer lógica humana, seus feitos excedem os maiores feitos já realizados pelos homens que andaram pela terra, assim como seus ensinamentos mudaram o mundo ao longo dos milênios, Ortberg (2014). Seu flagelo não poderia ser suportado por outro, e mesmo se outro fosse submetido involuntariamente, este não suportaria tamanha carga. Mas Jesus não foi entregue para tal obra, era a sua missão e ele se entregou para isso.

Como se não bastasse, este homem depois de constatado morto há dias, aparece a seus seguidores vivo, seu nome? Jesus de Nazaré. Um homem comum a outros, entretanto, incomum todos os demais. Suas ações levavam seus opositores ao questionamento de sua procedência assim como de sua autoridade, seus feitos arrebatavam o pensamento das pessoas a respeito de sua filiação, pois, quem era semelhante a ele? Todos fizeram o mesmo questionamento: Quem é este homem? E a resposta para essa pergunta vem do próprio Deus: este é o meu filho amado.

Em seu nascimento e durante a sua vida, ele foi apresentado como Jesus de Nazaré, filho de José, mas agora, eles recebem uma nova afirmação de sua procedência, assim como de sua filiação, este, não é apenas o filho de José, este, é o Filho de Deus.



O conceito relativamente novo, chamado de imaginário, o qual teve seu nascedouro no final do século XX. Inicialmente, o conceito cunhado fora utilizado nos estudos de História. Para Kalina V. Silva e Maciel H. Silva, o imaginário adentrou na Antropologia e na Filosofia. Este imaginário consiste em imagens de memória e imaginação, do passado, presente e até mesmo do futuro, as quais são armazenadas no subconsciente de um grupo coletivo. É um museu mental, acrescenta Gilbert Durant.

154

A profecia de Isaías no capítulo 53, o qual, o cristianismo o coloca como sendo um texto sobre o martírio de Jesus, o servo sofredor. Os judeus por suas tantas lutas, se apegaram ao texto de deuteronomio 18.15 “O Senhor teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis”, o qual Moisés declara que o Senhor levantaria um profeta igual a ele. Este texto, somado às opressões sofridas antes e principalmente durante o cativeiro, trouxe a ideia de um messias libertador, um messias totalmente diferente do servo sofredor pintado por Isaías.

Para Israel Knohl (2001), surgiram messias antes do messias. Simão Bar kokhba, assim como Judas Macabeu e Judas Galileu, foram alguns desses “messias”, diz Scardelai e Rossi.

De acordo com Knohl (2001), para os membros da seita dos essênios do ano 18 a.C, nasi é aquele profetizado e destinado ao status de messias, aquele que lideraria o povo e governaria sobre todas as nações da terra

Na fala de Tognini (2009), Gamaliel professava que o Messias esperado seria um fariseu.

Considerando o exposto acima, fica evidente que a memória coletiva tinha uma ideia de Messias, e a esperança deste messias estava formulada no imaginário daquele povo, que vez por outra, eram subjugados por outra nação e, devido essas opressões, os afastava cada vez mais da profecia de Isaías no capítulo 53.4-7:

⁴ Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

⁵ Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados.

⁶ Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

⁷ Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.

Aquele povo aguardavam um messias que viria os libertar, entretanto, não se aguardava um messias que viria a sofrer juntamente com eles. Como se não fosse o um total absurdo aceitar um messias impotente diante do cenário em que viviam, este não só sofreu com outros, ele sofreu por outros sendo um resgatador, ou como disse Isaías, um



cordeiro. Este era um assunto que dominavam, a oferta de animais para cobertura do pecado, e aceitar a ideia que aquela pessoa bem diante de seus olhos iria cumprir de forma perfeita e completa o que animais sacrificados cumpriam de forma temporária, era algo impensável.

A liberdade que esperavam, era uma liberdade física, de uma opressão totalmente física imposta por uma nação totalmente contrária a seus costumes e práticas, e este homem chamado Jesus de Nazaré está oferecendo uma liberdade espiritual, dali em diante não seria mais necessário cobrir os pecados, pois estes seriam resgatados de seus pecados de forma definitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a ótica de Hendriksen, Jesus de Nazaré não foi apenas um homem comumente aos demais, ele era alguém que participara do planejamento redentivo não só cumprindo o plano em sua forma corpórea, mas anteriormente planejando juntamente com Deus pai.

De tal forma, a Teologia Bíblica não só ratifica essa narrativa, como também da força e confiabilidade a revelação a respeito da filiação de Jesus com o próprio Deus pai, concedendo assim aos cristãos, a segurança de depositarem sua fé não em mais um possível messias, mas sim no Filho de Deus encarnado, que participou do plano redentivo, se ofereceu para levar o plano a cabo em sua carne, e assim consumir de forma única, última e eficaz a expiação pelo pecado. Só ele, e mais ninguém poderia dizer: Τετέλεσται (Tetelestai) João 19:30.

Em suma, este artigo explorou, mesmo que de forma lacônica, a origem, a revelação e a filiação da pessoa mais importante na história da humanidade, Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Vida, 2009.

APOLINÁRIO, F. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BOCK, Darrell L.; KOMOSZWESKI, J. (Ed.). **O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

BRUCE, F. F. **Merece confiança o Novo Testamento?** 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

FANNING, Buist M. Hebrews. In: BATEMAN IV, Herbert W. (ed.). **Four Views on the Warning Passages in Hebrews**. Grand Rapids: Kregel Publications, 2007. p. 129–172.

GAFFIN, Richard B., Jr. **The centrality of the Resurrection: a study in Paul's soteriology**. Grand Rapids: Baker Book House, 1978.

GUNDRY, Robert H. **A Survey of the New Testament**. 4. ed. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2003.



GUNNEWEG, Antonius H. J. **Teologia bíblica do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KAISER, Walter C. Jr. **O plano da promessa de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

KNOHL, Israel. **O Messias antes de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

ORTBERG, John. **Quem é este homem?** São Paulo: Vida, 2014.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

TOGNINI, Enéas; BENTES, João Marques. **Janelas para o Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2009.

WRIGHT, N. T. **Jesus and the Victory of God**. Christian Origins and the Question of God, v. 2. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

VAN VORST, Robert E. **Jesus fora do Novo Testamento: uma introdução às evidências primitivas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Teológica, 2022.

VOS, Geerhardus. Teologia bíblica do Antigo e do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

ZUCK, Roy B. Teologia bíblica do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

